

O FUTURO DE DEUS

MANUEL CURADO

(curado.manuel@gmail.com)

(Colóquio “Porquê Deus Se Temos Ciência?”,
Universidade Católica Portuguesa, Braga, 30 de Novembro de 2007)

ADVERTÊNCIA

É MUITO PROVÁVEL QUE TUDO O QUE FOR AFIRMADO NESTA CONFERÊNCIA SEJA FALSO. COMO AS IDEIAS FALSAS CONTRIBUEM PARA A INFELICIDADE DAS PESSOAS, CADA PARTICIPANTE É RESPONSÁVEL PELA DECISÃO DE ASSISTIR A ELA. O PALESTRANTE É CATÓLICO ROMANO E FAZ NESTA CONFERÊNCIA UM EXERCÍCIO PURAMENTE FILOSÓFICO, NUMA TRADIÇÃO QUE JÁ VEM DE XENÓFANES DE CÓLOFON. PENSE NISTO: A CONFERÊNCIA PODE ESTAR TODA ERRADA, SE BEM QUE SEJA FEITA NA CONVICÇÃO DE QUE TUDO O QUE AFIRMA É VERDADEIRO.

RESUMO

Esta conferência é um longo comentário ao *Canon Episcopi*, de Regino de Prüm. Defende-se que só existe uma forma de religião em todos os povos da terra. Esta tese é rara e está contra todas as ideias habituais sobre a diversidade religiosa dos povos. Defende-se, igualmente, que a religião organizada tem afinidades muito profundas com a ciência moderna e que, de facto, uma é um rosto da outra. Esta tese também é rara e está contra todas as ideias habituais sobre a ciência moderna. Tendo isto em atenção, propõe-se uma reflexão sobre o futuro de Deus e o futuro dos seres da Criação. Sem ambiguidade, é defendida a ideia de que o futuro do Primeiro não é tão brilhante quanto o futuro dos segundos.

1. O *Canon Episcopi* de Regino de Prüm

244 anos antes de Portugal nascer, apareceu na Europa um pequeno texto muito enigmático. O abade do mosteiro de Prüm, na Alemanha, de nome Regino, publicou-o no ano de 899 d.C. no seu *De Ecclesiastica Disciplinis*. É conhecido universalmente como *Canon Episcopi*. É, indubitavelmente, uma das páginas mais fantásticas que já foram escritas em qualquer época. Ao que se julga saber, a origem das suas ideias sobre o combate do

Cristianismo contra os pagãos deriva do mal conhecido Concílio de Ancira, de 314 d.C. Depois deste concílio, estas ideias voltam a emergir nos capitulários de Carlos, o Calvo, em 872 d.C. Esta página incendiária sobre a relação do Cristianismo com os povos pagãos de toda a Europa nunca mais voltou a desaparecer. Burcardo de Worms, em 1066, volta a ela no seu *Decretum* (XIX), assim como João de Salisbúria (1115-1180), no seu *Polycraticus* (II, 17), e Graciano, na sua célebre colectânea de direito canónico. Para os mais desprevenidos, informo que é esta paginazinha que está na origem da obra monumental que inicia o ataque sistemático da Igreja aos fenómenos populares da feitiçaria e da bruxaria, o *Malleus Maleficarum*, dos padres dominicanos Krämer e de Sprenger. Esta é uma forma de dizer que dezenas de milhares de pessoas foram torturadas e queimadas devido a um texto que ninguém percebe mas que todos sentiram e sentem que é espantoso.

Sem mais delongas, é esta a página incendiária de Regino de Prüm:

Os bispos e os seus agentes deverão trabalhar com toda a sua força para desenraizar totalmente das suas paróquias a perniciosa arte da feitiçaria e malefício inventada pelo Demónio. E se encontrarem um homem ou mulher seguidores deste mal, que se expulsem das paróquias. Porque o Apóstolo diz, «Evitar um homem que é herege depois da primeira e segunda admoestação». São cativos do Demónio os que, abandonando o Criador, procuram o auxílio do Demónio.

E, por isso, a Santa Igreja deverá ser purificada desta peste.

Também não deverá ser omitido que algumas mulheres perversas, pervertidas pelo Demónio, seduzidas pelas ilusões e fantasmas dos demónios, acreditam e professam elas mesmas que montam durante as horas da noite sobre algumas bestas com Diana, a deusa dos pagãos, e com uma inumerável multidão de mulheres, e que no silêncio mais profundo da noite atravessam grandes espaços da terra, obedecendo assim aos mandamentos de Diana, como se ela fosse a sua senhora, e estando ao serviço dela em certas noites.

Gostaria que fossem apenas eles que percessem na sua ausência de fé e que não arrastassem consigo muitos outros para a destruição da infidelidade.

Porque uma inumerável multidão, enganada por esta falsa opinião, acredita que isto é verdade e, ao acreditarem nisto, afastam-se da fé certa e envolvem-se no erro dos pagãos quando pensam que existe algo divino ou algum poder para além do de Deus.

Por tudo isto os párocos em todas as suas igrejas deverão pregar com toda a insistência ao povo que eles sabem que isto é de todos os modos falso e que tais fantasmas são colocados nas mentes dos infiéis, não pelo divino, mas pelo espírito maligno.

Assim, o próprio Demónio, que se transforma a si mesmo num anjo de luz, quando capturou a mente de uma mulher miserável e a submeteu a si mesmo pela infidelidade e pela incredulidade, transforma-se imediatamente nas aparências de diferentes personagens e, enganando a mente que tem cativa e exibindo coisas, tanto alegres quanto tristes, e pessoas, tanto conhecidas quanto desconhecidas, conduz a sua mente sem fé por caminhos desviantes.

E enquanto apenas o espírito experiencia isto, ela pensa que estas coisas acontecem não no espírito mas no corpo.

Existe alguém que não saia fora de si mesmo em sonhos e em visões nocturnas e veja mais dormindo do que algum vez viu acordado? Quem é tão estúpido e tonto para pensar que todas estas coisas que são feitas no espírito são feitas no corpo, quando o Profeta Ezequiel teve visões de Deus em espírito e não em corpo, como ele próprio diz ‘Fui raptado em espírito’? E Paulo não se atreve a dizer que foi raptado no seu corpo.

Deverá, por conseguinte, ser proclamado publicamente a todos que quem quer que acredite em tais coisas, perca a Fé, e que aquele que não tem a fé correcta em Deus não é de Deus, mas daquele em quem acredita, que é o demónio.

Porque de nosso Senhor está escrito ‘Todas as coisas foram feitas por Ele’. Quem quer que seja que, por conseguinte, acredite que alguma coisa pode ser feita, ou que alguma criatura pode ser alterada para melhor ou pior, ou transformada numa outra espécie ou semelhança, excepto pelo próprio Deus que tudo fez e através do Qual todas as coisas foram feitas, é um infiel para além de qualquer dúvida.

O que significa esta página? Vou atalhar caminho e respondo de imediato. O *Canon Episcopi* significa que na nossa Europa o paganismo não tinha desaparecido em todas as datas que mencionei, em 314, em 872, em 899, em 1066, no século XII e no século XIV. Se acrescentarmos a informação que consta em todos os tribunais da Inquisição da Europa, podemos dizer que a gigantesca operação civil e militar contra o paganismo ainda estava bem viva no final do século XVIII. Apenas com o início da contemporaneidade, no século XIX,

apenas na sua segunda metade, e no século XX, é que a Igreja parece descansar na sua cruzada monumental contra o paganismo. Descansar, sim; mas não deter-se.

Façamos as contas. Estamos a falar de mais de mil e oitocentos anos em conflito armado constante contra o paganismo. Isto é surpreendente. Eu repito: mil e oitocentos anos de uma guerra que a Igreja nunca poderá ganhar.

Porquê? Utilizamos a palavra paganismo como se soubéssemos tudo a seu respeito. De facto, não se deve utilizar nem a palavra paganismo, nem a palavra animismo ou qualquer outra semelhante. Aquilo contra o qual se levantaram os plenos poderes da Igreja e dos estados europeus é o xamanismo.

Obras importantes, como a recente *The God Delusion*, de Richard Dawkins, representam os conflitos terríveis entre as religiões do mundo. Crescemos todos, aliás, debaixo da crença completamente falsa de que existem várias religiões no nosso planeta e que os povos têm diferentes, isso mesmo, religiões. O tamanho desta mentira rivaliza com o tamanho do céu. Não consigo pensar num erro maior do que este. O nosso planeta de facto não tem várias religiões; só tem uma. Esta religião endémica, como poderia ser caracterizada, é a mesma em todas as partes do mundo, mesmo entre povos que nunca se encontraram. Estende-se deste a Sibéria, até à Tierra del Fuego, no sul do Chile e da Argentina; desde o Alaska, até ao Sudão; desde a Lapónia finlandesa até aos aborígenes da Austrália e aos kahunas do Hawai'i. Não há um único bocado de terra neste planeta que não tenha tido práticas xamânicas. Até a Grécia antiga tinha práticas xamânicas. Aprendemos a vê-las na Grécia devido aos trabalhos eruditos de sábios classicistas notáveis, como Walter Burkert, Carl Ruck, Gordon Wasson e tantos outros.

O xamanismo é todo o mesmo e sempre igual, apareça em sociedades muito desenvolvidas, como o xamanismo do Japão, da Coreia, da Grécia e das teurgias da Antiguidade tardia, apareça em sociedades pouco desenvolvidas, como a dos índios de todas as Américas.

A Humanidade só tem e só teve uma única religião. Não existem outras religiões. O que caracteriza o xamanismo é sempre o mesmo. Eis uma vulgata apressada: o mundo é obra

divina e tudo está cheio de deuses, espíritos, demónios ou seres sobrenaturais; os seres humanos, com o treino místico e mágico certos, podem interagir e ver todos esses seres sobrenaturais e, até, *the Maker*, o Criador. Quando os missionários chegaram às Américas, registaram palavras ininteligíveis para eles. Para qualquer índio normal, era banal e fácil ver o Criador, pedir-Lhe conselho e interagir com ele. Como diziam alguns, bastava um charuto de bom tabaco para ir ao encontro do Criador. E se o charuto de tabaco potente não bastasse, beberiam o sumo das folhas de tabaco maceradas, untavam-se da cabeça aos pés com pasta de tabaco e inseriam enemas de tabaco. Os efeitos desta importante solanácea são extraordinários e não nos surpreendemos com estas manifestações do treino místico.

Qualquer rapazinho índio podia ver do que falavam os seus xamãs. Para os milhões de seres humanos de todas as latitudes, a religião nunca esteve associada ao mais miserável dos verbos do vocabulário humano, o verbo acreditar. Este é o verbo mais espantosamente inútil da nossa linguagem. Os índios não precisavam de acreditar no que quer que seja porque tinham muito melhor do que acreditar. Tinham *experienciar*, ver os deuses, ir até à terra dos deuses e voltar.

Até um povo sofisticado, ao qual devemos noventa por cento da nossa cultura, os Gregos, eram iniciados nos mistérios sagrados. Um grego não precisava de acreditar nos deuses. Tinha e sempre teve melhor do que acreditar. Qualquer homem adulto e cidadão legítimo de Atenas era iniciado em Êleusis. Estou a falar de milhares e milhares de seres humanos que, durante séculos, sistematicamente, viram directamente os deuses. A interpretação mais recente da morte de Sócrates está, por exemplo, associada a este facto. A acusação de impiedade contra Sócrates deveu-se à decisão de Sócrates, como pessoa livre e inteligente, de levar o conteúdo da bebida que se bebia em Êleusis, no célebre *kykeon*, para casas particulares e, juntamente com os seus amigos, viu os deuses sempre que quis ver os deuses. As jovens mulheres que desempenharam o cargo de Pítia de Delfos durante séculos (isto mesmo: séculos, no plural), sempre viram Apolo em todo o seu esplendor quando queriam ver a única coisa que merece ser vista, assim mesmo, Apolo em todo o seu esplendor.

Esta é a única religião do planeta. Nunca houve outra. Se isto é assim, como interpretar as organizações de vidas religiosas que são conhecidas como religiões (Hebraísmo, Islão, Cristianismo, e algumas outras)? Em todos os territórios em que estas organizações

surgiram existiam povos xamânicos que contactavam directamente com o sobrenatural. Em todos, até nos territórios conquistados militarmente pelo Islão. O Islão teve de fazer desaparecer os praticantes dos ritos de contacto com os djinn, assim como o Cristianismo teve que combater militarmente o xamanismo por essa Europa fora. Hoje, historiadores, classicistas e medievalistas reconstruíram esse mundo perdido. As suas obras ainda não têm entre nós a atenção devida. Penso em autores como Carlo Ginzburg, Wolfgang Behringer, Eva Pöcs, Gábor Klaniczay, Claude Lecouteux, Emma Wilby e dezenas de outros. O que acabei de descrever de modo apressado não é invenção minha. Até em Portugal temos historiadores que nos auxiliam a compreender essa guerra infernal de uma organização contra a única religião que Portugal teve, tem e terá. Penso em Francisco Bettencourt, em José Pedro Paiva, em António Borges Coelho e no jovem António Ribeiro, autor de um livrinho interessantíssimo, com o título *Um Buraco no Inferno*, sobre pequenos grupos de religiosidade popular de matriz xamânica que ainda existiam aqui no Norte, na zona de Mondim de Basto, no final do século XVIII.

Qual a agenda destas grandes organizações aparentemente religiosas? Vou resumir tudo numa mensagem clara. Estas grandes organizações não tem nada a ver com o religioso; não se interessam pelo religioso e combatem e ostracizam quem se dedica ao religioso. Qual o seu fim? Se não existem para auxiliar as pessoas a aceder ao religioso, servem para quê? Eis a minha resposta: servem para proteger as pessoas do religioso, para evitar que as pessoas vejam directamente Deus e os seres sobrenaturais.

As organizações religiosas são sistemas de protecção contra o religioso. É este o seu fim. Todas as teologias, dos vários credos, são o equivalente a barragens feitas de betão contra o religioso. Milhares de livros e de autores, biliões de palavras que não significam nada, sobre assuntos fantásticos que não têm qualquer importância, só se compreendem como uma tentativa de, num mar de palavras, distrair a atenção de modo a que as pessoas não provem directamente o que, mais tarde ou mais cedo irão provar directamente: o sagrado.

Se as teologias hebraica, islâmica e cristã fossem livros de desporto, diríamos que abordam só a teoria do desporto, sem se interessarem minimamente por calçarem as sapatilhas e irem para o ginásio ou para a estrada. As teologias são um sistema inteligentíssimo contra a

prática do desporto, deste desporto muito especial que é ver e falar com o Criador ou com Apolo, ambos em todo o seu esplendor.

Os meus queridos amigos estão, nesta altura, a pensar que estou a ser deselegante para com esta Faculdade e para com a Universidade que me formou. Pensam, se calhar, que estou a tomar o partido do xamanismo contra o Cristianismo, o Islão ou o Hebraísmo. Não podiam estar mais enganados. A minha perspectiva sobre as organizações religiosas é completamente diferente dessa opinião. Do meu ponto de vista, essas organizações são sábias e revelam o génio profundo da inteligência humana. As igrejas são sabedoria pura.

Porquê? Eis a resposta óbvia: porque os seres humanos não estão interessados em deuses, nem no sobrenatural, nem sequer no Deus supremo ou Criador. Se este assunto fosse um negócio, diríamos que as pessoas destas organizações religiosas estão sabiamente interessadas num negócio muito melhor. Qual é esse negócio? Se não é conhecer Deus, é o quê? Todos sabemos sinceramente a resposta: o que de facto nos interessa é sermos nós próprios deuses e, já agora, sermos muito melhores do que Deus.

Ser parte da Criação é um incómodo insuportável. O interesse radical dos seres humanos não é o de continuar a condição de criaturas para sempre. Essa é a condição de escravos. As criaturas são escravos.

Milénios de práticas xamânicas fizeram nascer em algumas pessoas sábias a convicção de que os seres humanos poderiam libertar-se da órbita do sagrado e inventar o mundo. As religiões organizadas são Sistemas de Libertação do Homem. Reparem naquele que é, para mim, o melhor, o mais sábio e o mais genial sistema de libertação da atracção pelo divino. É o Cristianismo. Só nas terras cristãs se conseguiu a proeza extraordinária de termos profanado completamente a natureza. A terra em que temos os pés, o ar que respiramos, as estrelas que vemos à noite já são para nós realidades sem mistério. Naturalizámos completamente o mundo, mais, naturalizámos completamente o universo observável. Como já não vemos e não queremos ver manifestações do divino em qualquer lugar, podemos agora utilizar com propriedade o verbo fraco, mas libertador, de acreditar. Quem acredita, só acredita, só acredita, não faz, nem precisa de fazer mais nada. Acredita e ponto final: pode ir descansado às compras, ao cinema, à universidade, ao estádio de futebol, ao mercado, à praia. Se acredita,

e só acredita, e não se dá ao mínimo trabalho de se treinar misticamente e magicamente, pronto!, está livre.

O verbo acreditar é um dos ingredientes mais importantes da libertação humana da atracção fortíssima de Deus. Se acreditamos, acreditamos, e podemos ir almoçar depois. A crença religiosa é o nosso bilhete para a liberdade. Os crentes são as pessoas mais preguiçosas que existem. Um velho xamã ou um bruxo basco ou um iniciado em Êleusis ou uma *cunning woman* inglesa treinavam-se arduamente nas tecnologias do sagrado, para aceder e dominar o sagrado. Os crentes que acreditam não precisam dos cansaços do treino xamânico, mágico ou místico; a única coisa que precisam de treinar é o lero-lero, o discurso longo e sem sentido. Quanto mais o ar estiver cheio de palavras que não querem dizer absolutamente nada, nesse momento estaremos livres da subserviência à ordem do Criador. A teologia tem esta agenda magnífica: encher o ar de palavras para que os seres humanos sejam livres da sua escravatura original.

Devemos muito à teologia. Para mim, devemos a liberdade dos seres humanos.

2. A agenda secreta da ciência

Estes sistemas de libertação denominados teologias, cultos ou religiões organizadas conseguiram, como afirmei, naturalizar o mundo. O grande filósofo canadiano Charles Taylor acabou de publicar uma obra monumental sobre este processo, *A Secular Age*, publicada este ano, há semanas, pela Harvard University Press. Para termos um gosto de com era a natureza antes de a equipa infernal da teologia em colaboração com a ciência moderna terem feito o que fizeram, podemos ler as também monumentais obras de Sir Keith Thomas, o já clássico do início dos anos 70, *Religion and the Decline of Magic*, publicado pela Oxford University Press, bem como *Thinking with Demons*, de Stuart Clark, também da Oxford University Press.

Todos crescemos debaixo da atracção do maior sistema de naturalização do mundo que os seres humanos inventaram, melhor, que o Ocidente inventou. Esse sistema chama-se ciência moderna.

O núcleo da ciência de Galileu, de Newton, de Einstein e de von Neumann, apenas para nomear os meus heróis científicos que sempre amei, parece ser a agenda de compreensão do mundo. Parece óbvio, não é? Para que serve a ciência senão para nos explicar o mundo? Dito assim, a ciência representa uma escravatura dramática, a escravatura da inteligência humana à ordem da natureza. Tentar compreender a natureza é o processo indigno através do qual a preclara racionalidade dos seres humanos se curva perante objectos que essa racionalidade não criou. Não consigo pensar em nada tão degradante. A ciência bonitinha e limpinha que todos apreciamos é, de facto, um horror simpático. Existiram homens sábios em muitas actividades humanas. Só a ciência é que nunca provou a sabedoria. Utilizar a racionalidade para conhecer o que não se criou assemelha-se ao pobre escravo ou empregado doméstico de hoje que se maravilha com o carro topo de gama do dono da casa. Coitado, que vida pobre a dele, a de estar refém do seu próprio desejo. Seria tão bom que fosse livre!

Ao lado das virtudes éticas estão as virtudes cognitivas. A ciência é para nós um exemplo da união perfeita dessas virtudes. Compreender o que existe parece-nos ao mesmo tempo o zénite da inteligência humana e da acção ética. Esta é a nossa herança grega. Trata-se de um património precioso com mais de vinte e cinco séculos. Este património tem uma publicidade extraordinária e pensa-se automaticamente que é um bem em si mesmo. A alta consideração em que se tem a ciência faz com que desempenhe na nossa época o papel que os primeiros Gregos atribuíam aos Poemas Homéricos, isto é, o papel de Educadores. Em cada época, o que pode educar os filhos é aquilo que os pais consideram mais precioso. No nosso mundo, a ciência desempenha esse papel.

Gostaram destas ideias? Eu sei que sim. Porém, descrevem uma mentira do princípio ao fim. De facto, a ciência é parte da vida dos escravos. (Lembramo-nos de como os Romanos tomavam os escravos gregos como professores dos seus filhos. Eram cultos, obviamente, e eram admirados pelos Romanos. Mas eram isso mesmo: escravos. Os cientistas são os nossos Escravos Gregos.) Não temos nenhum indício de que se compreenda o que quer que seja à nossa volta: objectos físicos, objectos médicos ou objectos mentais. A origem desta ilusão deve-se à simplificação que a ciência faz do mundo. Do seu ponto de vista, este é uma versão topo de gama dos brinquedos das crianças. Onde as crianças brincam com blocos e legos, os cientistas brincam com partículas fundamentais e tentam compreender a casinha do mundo.

Nem as primeiras, nem os segundos reparam atormentados que o que desejam compreender não são blocos, nem legos, mas a Criação (exactamente assim, com maiúscula).

A simplificação que a ciência faz do mundo produz uma caricatura: aqui e ali apreende aspectos interessantes do real mas, no todo, não tem grande valor. O ponto mais alto da simplificação acontece com a ideia de que já conhecemos muito mundo. Afirma-se que o mundo de Copérnico era apenas um quintalzinho cósmico mas que agora conseguimos observar objectos como os quasars a treze mil milhões de anos-luz. Parece que o quintal de Copérnico passou a englobar o mundo, não é verdade? Porém, se o universo em que nos foi dado viver for infinito, é absolutamente indiferente observarmos esses quasars ou outros objectos a mil vezes essa distância. Infinito é infinito e há pessoas que gostam de transformar o mundo numa versão alargada do quintal de Copérnico. Quintal é quintal e é sempre demasiado pequeno.

Os argumentos padrão com que os cientistas defendem o seu caso são conhecidos por todos. O mais célebre é o da suposta capacidade genial para colocar aviões no céu e sondas espaciais entre os satélites de Júpiter. A ciência simplifica de tal modo a realidade que abomina boa parte das sugestões e indícios de que a realidade é muito mais vasta do que o jogo que joga. Como os cientistas vivem num mundo simples, parece-lhes um grande feito colocar aviões no céu. Caramba, qualquer menino é capaz de fazer um papagaio e isso não tem grande ciência; além disso, as aves voam sem grande ciência.

Um segundo argumento monótono e previsível é o argumento de Eugene Wigner, o grande físico húngaro e americano. Wigner descrevia, em 1959, o assunto como «the unreasonable effectiveness of mathematics in the natural sciences». Supostamente, a matemática tem o condão de descrever o mundo como ele é. Este é um argumento espantosamente errado. A matemática é tão criativa quanto a pintura; produz milhares de conceitos, teoremas, provas e teorias. Circunstancialmente, meia dúzia de conceitos matemáticos agarram algumas estruturas da realidade e, orgulhosos como são, os físicos matemáticos abrem uma garrafa de champanhe para celebrar. Num milhão de tentativas, meia dúzia acerta o alvo. Isto nunca me pareceu um grande sucesso. É claro que, para pessoas que treinaram o seu espírito assim como um halterofilista treina os seus músculos, isso é sinal de um grande sucesso. Eles não conhecem mais nada e não querem conhecer mais nada.

Os cientistas são muitas vezes caricaturas da condição humana. Abominam a religião, abominam a ética, abominam a experiência estética, abominam a mais do que elementar vida política, abominam, até, a vida amorosa. Abominam tudo isto em nome de quê? Em nome do músculo que treinam obsessivamente, o músculo da inteligência. Só há uma interpretação para estes eventos. Quando passam vidas inteiras em torno de laboratórios e de números, estão-se a proteger da Vida. A grande ciência é um entretenimento caro e sofisticado mas talvez só isso: um entretenimento.

Pode acontecer que a inteligência humana tenha uma agenda diferente da agenda da ciência, um interesse mais profundo da razão, uma agenda secreta. Todas as ciências têm a agenda superficial de compreender o que existe e partes do que existe, isto é, de procurar fazer o inventário do que está no quintal de Copérnico: estrelas, leis físicas, montanhas, seres humanos, emoções, pensamentos, caprichos, e tudo o resto, a *never ending story* de tudo o resto.

Estas duas agendas correspondem a duas visões da inteligência humana. Por um lado, esta deverá ser um espelho da natureza e compreender tudo o que existe. Com sou uma pessoa religiosa, não me vou esconder por trás das palavras. O que quero dizer é precisamente isto: compreender a Criação. Por outro lado, a inteligência humana é essencialmente política, isto é, tenta compreender o que escolhe para compreender e pode acontecer que não lhe interesse o que descobriu ou aceitar o que compreende.

Neste sentido, vivemos numa época muito interessante porque, ao lado da agenda da compreensão da Criação, estamos a desenvolver a agenda da superação da Criação, isto é, estamos a viver num universo em que somos cada vez mais os criadores.

Façamos um pequeno exercício de inventário sobre os objectos da nossa vida. Este exercício já foi feito em muitos contextos. Para se avaliar o sucesso evolutivo dos mamíferos em relação aos répteis é muitas vezes utilizado o tempo que os primeiros dedicam aos cuidados das suas crias. Este tipo de exercício pode ser feito da seguinte forma. Que quantidade de tempo dedicamos a objectos naturais e a objectos artificiais? Todos sentimos que o campo do artificial cresce a uma velocidade cada vez maior. A tendência é a de que os objectos naturais desapareçam ou sejam substituídos na íntegra por objectos de arte e

engenho. Não se fiem nas minhas palavras: façam essa contabilidade nas vinte e quatro horas dos dias de cada um. Irá ver-se que a parte da natureza na nossa vida é todos os dias mais pequena. A comparação entre o nosso século e qualquer época passada é especialmente dramática. Este processo está longe de terminar. Isto significa que podemos viver vidas absolutamente técnicas, no corpo e na alma.

Tudo à nossa volta lembra-nos o poema *O Operário em Construção* do poeta brasileiro Vinicius de Moraes. Tudo é cada vez mais obra humana: conceitos do direito, da vida política, da medicina, da cultura e de milhões de outros assuntos. O campo da cultura pode servir de exemplo. A cultura é um universo concentracionário que se refere sistematicamente a si mesmo; como diria o velho Leibniz, não tem portas e janelas para o exterior. Agarrem num qualquer livro e vejam o espectáculo absurdo da auto-referência. Os autores e escritores citam-se mutuamente; os argumentos são construídos com materiais seleccionados dentro do saco da própria cultura; há até rituais que louvam e premeiam os recordistas desse desporto cultural; merece o prémio a peça do puzzle que melhor encaixa nas outras peças do puzzle da cultura. E assim nos entretemos até à morte. Não aguentamos o espectáculo da Vida e procuramos entretenimentos para o tolerar: cultura, ciência, música clássica, vida militar, vida académica, enfim, artes e espectáculos. Dizemos que é ciência e compreensão do mundo quando, de facto, é uma actividade da área dos espectáculos, isto é, parte da indústria de entretenimento.

Todas as ciências procuram conhecer os seus objectos assim como a Física conhece os seus objectos. É a esta opção fundamental que se deve a estranha insatisfação que transmitem. Por um lado, fazem descobertas notáveis que honram o esforço colectivo; por outro lado, a suspeita de que tudo não vale absolutamente nada e poderíamos todos ser mais felizes doutra forma.

3. Interesses comuns: religião organizada e ciência (ao contrário do que se pensa)

O trabalho conjunto das teologias e das ciências produziu resultados notáveis: a naturalização completa da natureza; a naturalização quase completa da vida humana e a ideia muito difundida que somos uma máquina como as outras; o truque de, estudando a Criação, nos afastarmos do Criador e de fazermos uma nova Criação. Se há pouco afirmei que as

teologias são o nosso bilhete para a liberdade, afirmo agora que a via rápida para chegarmos à liberdade é a ciência, isto é, a reconstrução tecnológica do mundo.

Não é uma curiosidade menor ver como a ciência e as teologias bailaram no Ocidente. Processos semelhantes mas sem o mesmo alcance aconteceram no Islão. O Islão tem um nível científico paupérrimo porque aí as teologias dominaram a história colectiva. No Ocidente, a batalha pela liberdade foi ganha claramente pelas ciências.

Seja como for, as teologias e as ciências têm interesses comuns e agendas secretas comuns. Não me surpreenderia se brotassem da mesma fonte. De facto, os dois conjuntos são sistemas feitos com o objectivo de tornar inteligível a experiência humana.

Os teóricos da conspiração, como o delicioso Robert Anton Wilson, imaginam que o sistema político é só um, que só há, de facto, um partido político na América. Parece a todos que há Democratas e Republicanos mas, para esses teóricos, só há um partido; os dois alimentam a crença das pessoas de que são livres e de que podem exercer escolhas soberanas.

Esta fantasia é deliciosa. Do meu ponto de vista, aplica-se como uma luva à aparente oposição e diferença entre os teólogos e os cientistas. Não existe diferença porque as suas agendas são semelhantes. De um modo telegráfico: nenhum deles, nem nenhum de nós, está sinceramente interessado em Deus ou na natureza. Estes assuntos são pedras no sapato que, mais tarde ou mais cedo, têm de ser retiradas.

Uma pergunta merece uma resposta. A pergunta deste colóquio tem esta resposta: a ciência parece ser um programa deliberado para compreender a obra de Deus mas, de facto, é um programa para afastar Deus, para colocá-Lo no desemprego e para ser melhor do que Ele.

Se não vencermos a guerra infinita contra Deus e contra a natureza, teremos de Os deixar de lado e sermos nós os futuros Criadores das naturezas a inventar.

Este é o nosso futuro e o futuro de Deus.

Muito obrigado pela vossa atenção.

MANUEL CURADO

Professor da Universidade do Minho, Auditor de Defesa Nacional e doutorado *cum laude* pela Universidade de Salamanca. É autor dos livros [Luz Misteriosa: A Consciência no Mundo Físico](#) (2007), [O Problema Duro da Consciência](#) (2003) e [O Mito da Tradução Automática](#) (2000). Editor, com A. Dinis, S.J., dos livros [Mente, Self e Consciência](#) (2007) e [Consciência e Cognição](#) (2004). Editor, com A.L. Curado, do livro *Cartas Italianas de Verney* (em curso). É o director da revista [Jornal de Ciências Cognitivas](#).

--

[Prof. Manuel Curado](#)
[Universidade do Minho](#)
[Instituto de Letras e Ciências Humanas](#)
[Campus de Gualtar](#)
[4710 - 057 Braga](#)
[Portugal](#)

[Telefone: +351253604170](#)
[Fax: +351253676387](#)

[Other email accounts:](#)
jmcurado@ilch.uminho.pt
curado.manuel@gmail.com